



PANORAMA DAS INVESTIGAÇÕES SOBRE O *PUNK* NO BRASIL E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS (1982 – 2010)

Tiago de Jesus Vieira*

Universidade Estadual de Goiás - UEG

tiago.vieira@ueg.br

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade analisar os trabalhos monográficos que, direta ou indiretamente, abordaram o tema punk no Brasil, procurando evidenciar como ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, foram retratadas as experiências desses indivíduos e coletividades que se vincularam aos referenciais *punks*. Explorando, especialmente, como as conjunturas de inserção social interferiram na produção de identidades *punk* pelos investigadores, que, por sua vez, espelharam os dilemas de sua época. Diante deste desafio se tornou imprescindível à utilização das ferramentas conceituais de Michel de Certeau, que a partir de sua categorização de lugar social favoreceu a exploração das condições de produção do saber, assim como Stuart Hall que através de suas três concepções de sujeito permitiram estabelecer uma ferramenta de mensuração dos modos de pertencimento identitário.

PALAVRAS CHAVE: *Punk*, Identidade, Escrita da História.

PANORAMA OF THE INVESTIGATIONS ON PUNK IN BRAZIL AND ITS IDENTITY CONSTRUCTIONS (1982 - 2010)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze monographic works that, directly or indirectly, addressed the punk theme in Brazil, trying to show how during the 1980s, 1990s and 2000s, the experiences of these individuals and collectives that were linked to punks. Exploring, especially, how the social insertion conjunctures interfered in the production of punk identities by the researchers, mirrored the dilemmas of their time. Faced with this challenge, it became essential to use the conceptual tools of Michel de Certeau, who from his categorization of social place favored the exploration of the conditions of knowledge production, just as Stuart Hall, through his three conceptions of subject, was fundamental for establishing a tool that measures the modes of identity belonging.

KEYWORDS: Punk, Identity, Writing of History.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, Docente de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Goiás.

INTRODUÇÃO

Havendo-se passado 36 anos da publicação da obra “*O que é punk*” (BIVAR, 1982), primeira investigação sobre o tema no Brasil, o *punk* enquanto “referencial coletivamente compartilhado” se disseminou para as mais distintas regiões do país, e por consequência também se intensificou a produção de materiais destinados a relatar e/ou retratar as experiências de tal fenômeno, resultando, por sua vez, numa imensa gama de escritos, materializados principalmente na forma de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e livros. Fato esse que, “por si só”, já demonstraria a necessidade de um empreendimento seguindo os moldes das investigações de “estado da arte” ou “estado do conhecimento” (FERREIRA, 2002), a respeito dessa fabricação intelectual.

Além disso, nesse intervalo de tempo ocorreram grandiosas transformações, tanto na dimensão global, quanto no panorama nacional, que alteraram a relação dialógica dos sujeitos que se identificam como *punks*. Em concomitância a essa evidente alteração nos “espaços de experiência” e “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006) que se inscreveram sobre as atuações daqueles que compartilham os signos *punk*, também se modificaram os modos como os pesquisadores retrataram as experiências desses indivíduos e coletividades.

Considerando que a fabricação intelectual, por parte desses autores, não ocorreu como um ato isolado, apartado do “corpo social”, na forma de discurso neutro, pelo contrário, as interações sociais, nesse período, interferiram decisivamente nas retratações identitárias, que, inevitavelmente, espelharam a sua época, pois, mesmo que indiretamente quando os pesquisadores produziram suas investigações sobre o tema *punk* também o normatizam, já que envolto a essa sistemática de elucidação dos referenciais coletivamente compartilhados pelos *punks*, também se insere uma ação de cristalização das práticas dos indivíduos e/ou grupos, transposta na forma de identidade, essa que, por sua vez, igualmente espelha o modo como os investigadores capturaram o mundo.

A respeito dessa problemática, Tomaz Tadeu da Silva, observou que “fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças”, que, por sua vez, “significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de outra forma” (SILVA, 2009, p.83). Nesse

sentido, torna-se extremamente necessário compreender: quais as identidades do *punk* brasileiro foram construídas nos trabalhos acadêmicos ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000?

Por esse viés, neste artigo, pretende-se examinar o período que assinala, respectivamente, o ano do primeiro trabalho monográfico sobre o *punk* (1982) e do término da terceira década de produção acadêmica (2010). Quanto à triagem da produção temática, pautou-se nos seguintes procedimentos: Primeira etapa: busca pela palavra-chave *punk* nos bancos de dados da “Capes” e demais portais de armazenamento de trabalhos monográficos das universidades brasileiras, a fim de estabelecer um panorama inicial da produção do tema; Segunda etapa: pesquisa por “assunto” *punk* na Plataforma “Lattes”, a fim de ampliar os dados levantados na primeira etapa. Após este levantamento se acredita ter chegado a um mapeamento próximo do total da produção de trabalhos monográficos (livros, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso) sobre o tema *punk* no Brasil, contudo, não se pode descartar a possibilidade de alguns trabalhos terem escapado na referida triagem. Após a triagem se chegou ao seguinte quadro relativo à produção de livros, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, sobre a temática *punk* no Brasil entre 1982 e 2010.

PERÍODO	TCC's	Dissertações	Teses	Livros	Total por período
1982 - 1990	01	01	00	02	04
1991 - 2000	02	03	01	03	09
2001 - 2010	28	17	03	06	54

Quadro 01: Referente à produção de trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil” entre 1982 e 2010.

O referido quadro evidencia uma produção total de sessenta e sete (67) trabalhos monográficos que, direta ou indiretamente, abordam o tema *punk* com maior propriedade, dos quais trinta e um (31) são trabalhos de conclusão de curso de graduação e/ou especialização, vinte e um (21) dissertações de mestrado, quatro (04) teses de doutoramento e onze (11) livros autorais, contemplando obras inéditas, produzidas a partir de critérios do mercado editorial, e republicações de teses e dissertações.

Após este mapeamento se procurou sintetizar as principais características identitárias dispostas em cada uma das décadas analisadas, visando identificar as condicionantes que eventualmente contribuíram para essas fabricações identitárias nesses períodos. Nesse sentido, foi de fundamental importância às proposições de Michel de Certeau (1982), que principalmente por intermédio de seu conceito de lugar social, possibilitou um melhor entendimento dos modos como os pesquisadores manifestam em seus escritos elementos relativos à sua conjuntura de inserção, contribuindo, assim, para a percepção de práticas, técnicas, métodos e procedimentos que interferiram nas construções identitárias. Do mesmo modo, as considerações de Stuart Hall (2005) foram relevantes por contribuírem para a compreensão das “permanências” e “rupturas” em meio ao processo de “adesão” identitária no ocidente, dessa forma, suas três concepções de sujeito, permitem estabelecer um parâmetro de fácil mensuração acerca do nível de agenciamento identitário inscrito nos sujeitos discursivamente construídos nas investigações analisadas.

Para tanto, optou-se por uma organização em tópicos a fim de apresentar as principais características dispostas em cada uma das três décadas, observando como cada uma dessas conjunturas temporais impôs novas condicionantes a essas obras, resultando, por conseguinte, em diferentes identidades *punk*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DÉCADA DE 1980

Em função da superexposição ganhada em Londres, desde o final da década de 1970, existia no Brasil relativo interesse por informações acerca do tema *punk*, que inclusive já passava a ser “replicado”, aqui, na forma de postura identitária. Nesse primeiro momento as informações se limitavam a poucas matérias veiculadas em jornais e revistas¹, cuja retratação do *punk* oscilava de fenômeno da moda até manifestação máxima da imbecilidade juvenil. Havia, portanto, uma evidente necessidade de produção de investigações com reflexões mais aprofundadas, que de fato só veio a ocorrer, mesmo que de maneira incipiente, com a chegada da década de 1980, em função de temas relativos ao universo juvenil serem considerados menores e até mesmo

¹ Nesse primeiro momento se destacaram as reportagens das revistas POP e Isto É.

reacionários nas universidades brasileiras², resultando, assim, no empreendimento de apenas 03³ investigações ao longo de toda década.

O primeiro trabalho a abordar a temática *punk* com maior propriedade no Brasil surgiu de uma iniciativa da Editora Brasiliense, que se valeu do interesse de parte do público pelo tema tido como “do momento”, em função da atenção dada pela imprensa escrita e televisiva, e enquadrou na coleção “Primeiros Passos”⁴ a obra “O que é *punk*” de autoria de Antônio Bivar (1982). Também nessa década foram desenvolvidos os trabalhos monográficos “Absurdo da Realidade: O movimento Punk” de Helenrose Aparecida da Silva Pedroso e Heder Augusto de Souza (1983), empreendido no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. E no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi desenvolvida a Dissertação de Mestrado, “Movimento Punk na Cidade: invasão dos

² Ângela de Castro Gomes observou que a luta pelo fim do regime militar e a posterior campanha pelas “Diretas já” influenciou decisivamente as temáticas das pesquisas desenvolvidas pelos discentes dos programas de pós-graduação, em especial de História e Ciências Sociais. Privilegiando temas como “movimentos sociais urbanos e rurais, bem como uma história social do trabalho, na qual os protagonistas eram escravos, libertos, homens livres, camponeses, artesãos, operários e assalariados em geral”, assuntos estes que propunham abrir novos caminhos para reflexão daquela sociedade. Em complementariedade, Ronaldo Vainfas (também salientou que, naquele contexto, o fundamental era “fazer uma história que buscasse as raízes socioeconômicas de nosso atraso, subdesenvolvimento ou dependência do imperialismo, em especial o norte-americano”, desvelando “uma história engajada, portanto, uma história militante”. Tais proposições se justificavam pelo fato de a produção historiográfica brasileira estar “de certo modo, hegemônica pelo marxismo, ou pelas várias correntes marxistas”. Contudo, para o autor, essa forma de concepção do fazer historiográfico, em partes, dificultou a entrada de novas tendências historiográficas no Brasil, que por sua vez já estavam consolidadas na Europa. Em meio a esse cenário, novos temas relativos a “mobilizações feministas, ecologistas ou do movimento *gay*” eram entendidos como temas reacionários e/ou desmobilizantes. De modo que o “tom geral foi, assim, o de condenação dos chamados novos paradigmas não marxistas”, resultando num atraso de 10 a 15 anos, em relação ao tempo de formulação das novas correntes historiográficas na Europa, e sua efetiva difusão no Brasil, fato que “foi, em grande parte, responsável por tais confusões, pois todas essas inovações da historiografia, principalmente europeia, chegaram juntas ou, pelo menos, se difundiram juntas nos anos 1980”. Essas formulações acerca da escrita da História no Brasil na década de 1980 são legitimadas no trabalho quantitativo/analítico realizado por Carlos Fico e Ronald Polito que constataram a predominância de temas relativos ao “movimento operário, grupos de trabalhadores, sindicatos e mundo do trabalho” no campo da História Social. No entanto, nesse período também foi possível focalizar o surgimento de algumas pesquisas a respeito de temas como cotidiano, mulheres, família e doenças. GOMES, 2004, p. 158; VAINFAS, 2009; FICO; POLITO, 1992, p. 56.

³ Importante destacar que a dissertação de Janice Caiafa Pereira intitulada “Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub” também resultou na publicação de um livro homônimo, resultando assim em dois trabalhos.

⁴ A coleção “Primeiros Passos” se caracterizou pela diversidade temática e pela editoração em formato de bolso, que articulado ao baixo valor de revenda contribuiu para o acesso do grande público as publicações da editora.

bandos sub”, de Janice Caiafa Pereira (1985), que também resultou na publicação do livro homônimo no mesmo ano pela Jorge Zahar Editora.

Em linhas gerais essas investigações, dentre outras preocupações, procuravam mapear os diversos elementos que efetivamente compunham a “identidade” *punk* no território nacional. Embora em alguns estudos seja perceptível maior atenção a aspectos relativos à musicalidade, política, gênero e sexualidade, foi ponto comum nessas investigações a legitimação do *punk* no Brasil, em especial, a partir de elementos de vivência suburbana, constituindo, assim, uma identidade *punk* que, mesmo que indiretamente, exteriorizava a revolta daqueles que se sentiam oprimidos. Não obstante, a interação desse *punk* com o mundo social se fundamentava na violência, que, por sua vez, espelhava esse modo de interpretar o mundo.

Dessa forma, permite-se conjecturar que a atenção comum dos pesquisadores ao tratar o aspecto suburbano do *punk* e sua caracterização como manifestação fundamentada na insubordinação periférica, também refletia a conjuntura política daquele momento. Pois, como ainda havia uma necessidade, reprimida, de expressar o descontentamento à ordem vigente, incidiu que direta ou indiretamente houvesse formulações identitárias baseadas nessa combatividade, que, em última instância, também espelhava os postulados do marxismo, especialmente, os relativos à luta de classe.

Ao tomar a confluência dos elementos de acepção identitária presentificados nos estudos relativos à temática *punk* na década de 1980, e ao compara-los as três concepções de sujeitos formuladas por Stuart Hall (2005), permite-se mensurar que as definições identitárias desses autores, recorrentemente, expressaram um *punk* brasileiro que se aproxima da idealização do sujeito sociológico e/ou moderno, pois, os *punks* eram majoritariamente retratados como compartilhando características comuns que conferiam a esses uma espécie de “coerência”, como no caso dos referenciais suburbanos e sua atuação fundamentada na violência.

Contudo, a concretude desses estudos também permite perceber um deslocamento deste polo de rigidez identitária, sendo possível focalizar em determinados momentos da narrativa dos investigadores elementos que indicam uma identidade dialógica, por ir além das determinações preestabelecidas, como quando na obra de Antônio Bivar (1982) foi feita uma reflexão no tocante à aceitação de homossexuais em meio à coletividade, retratando que este se configurava como um

ponto ainda em discussão, sendo, portanto, passível de questionamento a aparente rigidez imposta pela identidade. Além disso, os conflitos entre *gangs punks*, ressaltados na investigação Helenrose Aparecida da Silva Pedroso e Heder Augusto de Souza (1983), que, por sua vez, chegaram a adquirir efeito de guerra, também expressam por meio da violência uma negação as determinações identitárias.

Nessa lógica, mesmo que os autores do período não tenham dado tamanha atenção à mutabilidade identitária, pode-se observar que por trás dos rígidos quadros autodeterminativos que expressam uma identidade do *punk* fundamentada a partir de alguns parâmetros, também se pode focalizar nesses empreendimentos a exposição de elementos que tencionavam a cristalização identitária do *punk*, evidenciando a existência de um embate no campo das representações de qual seria o “modelo de *punk* ideal” a ser seguido. Assim, tal qual o sujeito sociológico e/ou moderno de Stuart Hall, esse *punk*, majoritariamente retratado possui uma coerência interior. Contudo, sofre estímulos do mundo exterior que fazem com esse seu “eu real” seja eventualmente modificado.

Portanto, como a década de 1980 foi a de entrada do *punk* no meio acadêmico/bibliográfico brasileiro, pode-se considerar “natural” a escassez de material relativo ao tema, o que justifica a produção de investigações, primordialmente, centradas na compreensão e definição do sujeito *punk*, bem como na valorização de aspectos como musicalidade, política, gênero e sexualidade. Além disso, também foi recorrente, nessas pesquisas, a busca pela legitimação do *punk* no Brasil a partir da suburbanidade, dando ênfase a um *punk* combativo que se insere como mais um personagem ativo na luta de classe. Dessa maneira, a identidade *punk* externava, em última instância, a necessidade de questionar a ordem vigente na reta final do regime militar. O sujeito que era retratado nessas investigações dispunha de certa “coerência”. Embora em determinados momentos os autores tendessem a problematizar o conflituoso relacionamento dos *punks* com os signos constituidores dessa identidade, destacando, nessa perspectiva, a obra de Janice Caiafa. (1985)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DÉCADA DE 1990

A década de 1990 trouxe significativo avanço na produção de trabalhos relativos à juventude, que, por sua vez, também refletiu nos estudos relativos ao *punk* no

Brasil, caracterizado por um leve aumento no volume de estudos, sendo registrado no período nove trabalhos monográficos, destacando-se uma tese de autoria de Márcia Regina da Costa, intitulada “Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno”(COSTA, 1992), três dissertações “Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de atuação social” (ABRAMO, 1992) produzida por Helena Wendel Abramo, “Grupos de estilo jovem: O *Rock Underground* e as práticas (contra)culturais dos grupos *punks* e *trashs* em São Paulo” (KEMP, 1993) de Kênia Kemp, e “*Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*” (SOUSA, 1997) de autoria de Rafael Lopes de Sousa. Nesse período também foi notável o empreendimento do livro “*Punk, a anarquia planetária e a cena brasileira*” (ESSINGER, 1999) escrito pelo jornalista Silvio Essinger.

Ao direcionar o foco da observação para esses principais estudos temáticos desenvolvidos na década de 1990, constata-se uma visível preocupação dos pesquisadores em produzir narrativas teorizantes que buscassem compreender a adesão do *punk* pelos jovens. Nesse contexto, a constante busca por uma teorização das relações juvenis recorrentemente era acompanhada de maior utilização de elementos diacrônicos, que objetivaram fazer uma análise tendo em vista percorrer o limiar temporal do pós-guerra, a fim de contingenciar as práticas que geravam pertencimento coletivo na juventude para com os signos *punks*.

Tais características, por sua vez, remetem ao lugar social da universidade brasileira, naquele período, à medida que refletem o cenário de profissionalização que a pós-graduação começava a atravessar, pois essas pesquisas, comumente, procuravam apresentar sínteses processuais através de padrões macro históricos, em concomitância com a busca pela inteligibilidade e explicação, aliado a expulsão do irracional, elementos que constituem os pilares daquilo que Ciro Flamarion Cardoso (1997) conferiu como paradigma iluminista. Essas definições, por sua vez, compreendem modelos, como o weberianismo e o estruturalismo, em algumas de suas vertentes, e, fundamentalmente, o marxismo que se configurava como a tendência dominante no início da década, e que ao longo dessa, em função da própria dinâmica da globalização, perdera espaço para tendências genericamente compreendidas como pós-modernas⁵ e

⁵ Com chegada da década de 1990 o termo: *pós-moderno*, que embora já fosse usado na década anterior, também ganhou força por contingenciar diversas tendências como “‘desconstrução’, ‘pós-estruturalismo’ etc”. Genericamente todas essas proposições conferidas a partir desse termo tinham em comum “um ceticismo essencial sobre a existência de uma realidade objetiva, e/ou a possibilidade

que privilegiavam novas possibilidades⁶ de compreensão do mundo, com extrema validade para investigações como as relativas ao *punk*. Contudo, como enfatiza Jurandir Malherba (2002), esse processo de adesão às novas perspectivas teóricas não ocorreram de maneira imediata, pois mesmo partindo de novos postulados, os pesquisadores brasileiros ainda conservavam uma verve marxista.⁷

Assim, as pesquisas relativas à temática *punk* na década de 1990 “naturalmente” também repercutiram esse amplo quadro de dualidade e/ou rivalidade entre esses paradigmas. Tal quadro se evidencia, especialmente, nas investigações que, direta ou indiretamente, expressavam a maior necessidade de “historicizar” as coletividades estudadas, expressando, por um lado, certo desejo de inteligibilidade processual, mas por outro expôs a dinamicidade das trajetórias internas de cada grupo, apresentando assim a recorrência de conflitos motivados pelas distintas interpretações dos signos *punks*, bem como a inexistência de um referencial claro e rígido do que seria “efetivamente” o *punk*. É perceptível, dessa forma, uma clara ruptura para com as investigações empreendidas na década de 1980, que, por vezes apresentavam uma crença numa suposta essência do *punk* brasileiro, fundamentada a partir dos elementos de suburbanidade.

Ao tomar novamente os referenciais proferidos por Stuart Hall (2005) para estabelecer uma aferição do perfil identitário contidos nos estudos relativos ao *punk* no Brasil, permite-se inferir que na década de 1990 essas construções identitárias também se aproximam da concepção de sujeito sociológico ou moderno. Sobretudo, em decorrência de grande parte desses pesquisadores, ainda que com menor frequência,

de chegar a uma compreensão aceita dessa realidade por meios racionais, tendendo a um relativismo radical”. Em linhas gerais, pode-se observar que a década 1990 impusera novos dilemas a todos, permeando desde a vida cotidiana até as reflexões sociais que eram conferidas entre os muros das universidades. Nesse meio, o abandono a determinados paradigmas e até mesmo a discussão sobre o “fim da História” apareceram na forma de tendência, em função da enunciada fragilidade que supostamente possuíam de refletir acerca dos novos dilemas que o mundo agora produzia.. HOBSBAWM, 1995. p. 499 – 500.

⁶ Margareth Rago enfatizou que nos anos 1990 se vivenciou um expressivo aumento de temas de pesquisas relativos à cultura urbana. Como efeito disso, também se pôde constatar a significativa expansão dos estudos relativos à juventude urbana, produzidos sobretudo a partir das universidades e seus programas de pós-graduação. RAGO, 1999.

⁷ Embora, Thiago Felipe dos Reis destaque que no período a perspectiva marxista foi aquela que sentiu maior derrocada, ao longo da década, pois apesar de no início da década, praticamente ter hegemonizado a produção do conhecimento histórico no Brasil, no final desse período se constituía apenas como um forte nicho de investigação, perdendo cada vez mais espaço para as investigações orientadas pelos paradigmas da História Cultural, que, por sua vez, se demonstrou um fecundo terreno para temas como arte, religião e a questão urbana. REIS, 2015.

procurarem criar uma finalidade autoexplicativa para as práticas cotidianas dos *punks*, inevitavelmente remetendo, ainda que indiretamente, a noção de núcleo interior ou essência, pois, tal direcionamento recorrentemente incidiu em eleger aspectos como revolta e insubordinação, ou até mesmo a espetacularização social como inerentes dessa coletividade juvenil.

Nesse mesmo período, foi possível observar uma visível fluidificação na concepção desse sujeito, que em diversos momentos pulveriza as definições mais rigorosas, a despeito disso, no estudo empreendido por Marcia Regina da Costa (1992), claramente se pode observar uma percepção identitária que permite ao *punk* assumir, ao longo de sua vida, outra percepção identitária, por vezes totalmente antagônica àquilo que inicialmente era definido, arbitrariamente, como sua “essência”.

Desse modo, embora a década de 1990 não tenha efetivamente produzido um *punk* totalmente desalojado de eixos norteados do ponto de vista identitário, tal qual versa o sujeito pós-moderno proferido por Stuart Hall (2005), algumas experiências analíticas realizadas no período expressaram um deslocamento nessa direção.

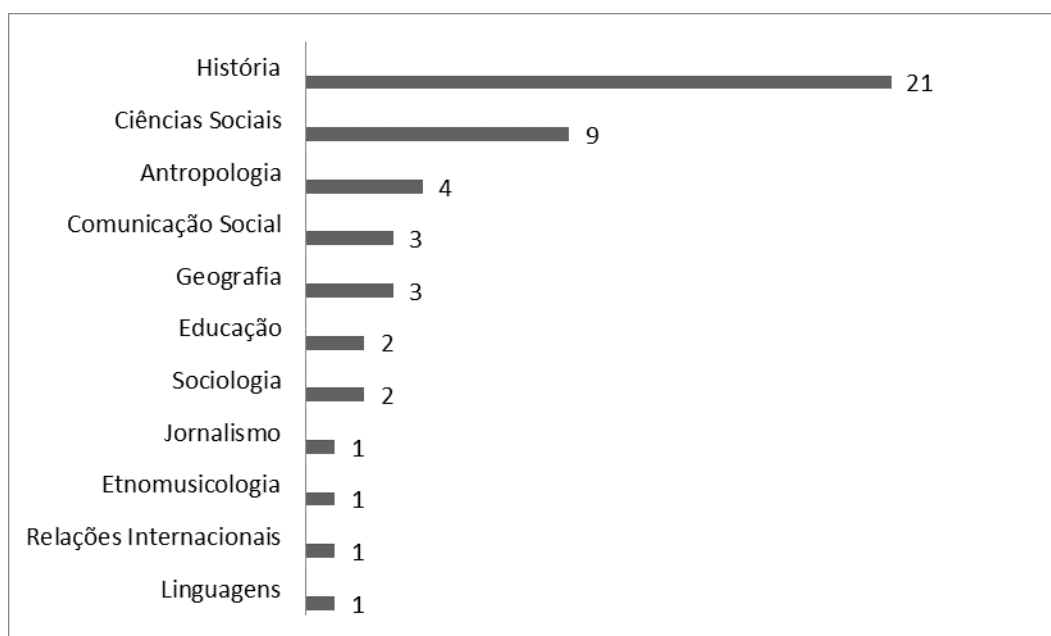
Houve, assim, um efetivo avanço na produção de trabalhos relativos ao *punk*, seja na esfera quantitativa que obteve um leve aumento na produção, bem como no tocante a densidade do material produzido. Entretanto, ainda havia um vasto horizonte de possibilidades a serem problematizadas pelos pesquisadores que optassem por se debruçar sobre o tema, em especial no tocante as singularidades que os *punks* apresentavam para além do eixo Rio-São Paulo. Sendo esse justamente o ponto de investigação privilegiado pelos pesquisadores que retornaram a esta temática na primeira década do século XXI.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DÉCADA DE 2000

Ao longo da primeira década do século XXI, o Brasil vivenciou uma série de transformações com destaque nos aspectos social e econômico, ocasionando, dentre outras coisas, uma notável expansão do acesso ao ensino superior. Esse cenário de crescimento da universidade brasileira também levou a uma expressiva descentralização da pós-graduação para além do eixo Rio-São Paulo, que veio acompanhada crescente diversificação de postulados teóricos nas ciências humanas. Conferindo, assim, um novo panorama para os estudos relativos à juventude, e, especialmente, nas

investigações que, direta ou indiretamente, abordaram o tema *punk*, que, por seu turno, registrou um crescimento de 488,88% no período, em comparação a década anterior que havia contabilizado apenas 09 trabalhos monográficos. Ao passo que nos dez anos seguintes foram desenvolvidos 28 (trabalhos de conclusão de cursos e/ou monografias), 17 (dissertações), 03 (teses), 06 (livros) totalizando 54 pesquisas sobre o tema *punk*.

Nesse sentido, exceto os 06 livros que expressam interesses diversos, contabilizam-se 48 trabalhos monográficos produzidos no bojo das universidades no período, esses que estão distribuídos por área do conhecimento da seguinte forma:



Quadro 02: Referente à distribuição por área do conhecimento dos trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil”, produzidos entre 2001 e 2010.

A observação dos dados contidos nessa tabela permite evidenciar em primeira instância o predomínio da disciplina História, concentrando 43.75% dos estudos realizados no período, ao passo que na década anterior havia sido registrado apenas 01 trabalho dessa dimensão na referida área, “*Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*” de Rafael Lopes de Sousa (1997). Tal cenário enuncia a evidente abertura do referido campo aos ditos novos temas e novas abordagens. Pois, se nas décadas de 1980 e 1990, o tema não despertava a atenção dos historiadores, posteriormente, na primeira década do século XXI, a área de História se colocava como campo do conhecimento majoritário no tocante a estudos relativos ao *punk*. Mesmo cenário que aparentemente se repercutiu

nas Ciências Sociais, Antropologia e Sociologia, que, embora já produzissem, desde as décadas anteriores, alguns poucos trabalhos, também vivenciaram a partir de 2001, significativo salto no volume de produção.

Estes dados também permitem evidenciar a emergência do interesse pelo tema *punk* por “novas” áreas do conhecimento como: Geografia (pesquisas centradas especialmente no aspecto da territorialização, buscando, dessa maneira, compreender a construção social do espaço pelos *punks*); Educação (atentando-se especial a construção e difusão de saberes inerentes as coletividades *punk*); Etnomusicologia (objetivando compreender como a articulação irradiada por meio da música possibilitou novas experiências de vivência); Relações Internacionais (destinando-se a compreensão dos rearranjos dos signos importados adaptados a realidade brasileira); Linguagens (com a manifesta preocupação de perceber com o corpo do *punk* produz significações em suas práticas cotidianas).

Por meio desta quantificação dos estudos relativos ao tema *punk*, realizados no período, e se valendo do método bibliométrico⁸ também se tornou possível observar a distribuição geográfica, tendo como referência o local de produção dos trabalhos.

Instituição	Trabalhos	Região
UEG (1); UFG (1); UFMS (1); UFMT (1); UNB (1); UniCEUB(1)	6	CO
UFPA (3)	3	N
UFPB (3); UFPE (1); UFRN (1); UNIFLOR (1); UEPB (1); UECE (1); UFCG (1); UNICAP (1); FUNESO (1)	11	NE
UEL (2); UFRGS (1); UFSC (1); UTP (1); UNICENTRO (1); UNIOESTE (1); UFPR (1); UDESC (1); PUC - Uruguaiana (1)	10	S
PUC/SP (5); UNESP (3); UFRJ (2); USP (2); UFU (2); UNAR (1); PUC - Campinas (1); UNICAMP (1)	17	SE
UCLA - <i>University of California, Los Angeles</i> (1)	1	Exterior
Total	48	

Quadro 03: Referente à distribuição por instituição de ensino superior e concentração regional de trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil”, produzidos entre 2001 e 2010.

⁸ A pesquisa bibliométrica tem por finalidade mapear a produção científica a partir de áreas ou temáticas, buscando traçar um panorama quantitativo do conhecimento de determinado campo de estudo, num determinado período, esse tipo de investigação recorrentemente é utilizado em auxílio a pesquisas de estados da arte, a fim de estabelecer indicadores da referida produção científica.

Esses dados ainda evidenciam predomínio das pesquisas tendo como principal palco para o seu desenvolvimento a região sudeste que totalizou 17 pesquisas, domínio que também se estende ao estado de São Paulo que contemplou 13 investigações. No entanto, embora tenha se registrado uma elevação no volume de produção dos trabalhos no sudeste e no estado de São Paulo, quando observado esses dados em contrastes com o restante do quadro e com os dados da década anterior, claramente se observa a perda de patamar do estado e da região, que praticamente hegemonizavam a produção de trabalhos monográficos temáticos nas décadas de 1980 e 1990.

Nessa linha, foi perceptível a expansão do tema por todas as regiões do país, registrando 11 estudos empreendidos no nordeste, 10 sul, 06 no centro-oeste e 03 norte do país. Tal cenário claramente repercute a evidente expansão dos cursos de graduação e pós-graduação, bem como sua interiorização⁹ no Brasil no período.

No tocante a concentração por instituição, tais dados conferem a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo o *status* de lugar privilegiado para realização de pesquisas referentes ao *punk* brasileiro, sendo que, muito disso se deveu a criação, nesse período, do “acervo sobre o movimento *punk*” no CEDIC (Centro de Documentação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filhos) localizado na referida instituição, servindo, assim, como proeminente base de dados para elaboração de uma nova leva de estudos do *punk*.

Contudo, embora a PUC de São Paulo tenha se destacado com o desenvolvimento de 05 trabalhos dessa dimensão, pode-se evidenciar ao longo do

⁹ A expansão do ensino superior inevitavelmente também demandou uma elevação na oferta de vagas em curso de pós-graduação, de ordem, *stricto sensu*. Nesse sentido, de acordo com pesquisa empreendida por Claudia Cirani, Milton Campanario, Heloisa Silva, tomando como referência os dados da CAPES houve no Brasil, entre o período entre 1999 e 2011, um aumento de 71,5% na oferta de cursos de mestrado e 100,8% em doutorados. O mesmo estudo observou, quantitativamente, que essa evolução no volume dos programas de pós-graduação brasileiros, também ocasionou um processo de descentralização destes cursos que, anteriormente, estavam aglutinados quase que hegemonicamente na região Sudeste. Dessa maneira, nesse período foi notada uma elevação de (441,7%) desses cursos na região Norte, (229,7%) no Centro-Oeste, 210,2%) no Nordeste e (154,1%) no Sul. Ademais, no tocante as áreas do conhecimento essa pesquisa constatou que as áreas que apresentaram maior crescimento foram Multidisciplinar (1083%), Ciências Sociais e Aplicadas (204,7%) e Ciências Humanas (145,2%). Em meio a esse cenário de expansão da pós-graduação brasileira, notavelmente acompanha-se um notável amadurecimento da área de História, conforme enunciou Estevão de Rezende Martins, que enfatizou que a organização dos programas através de áreas de concentração, e conseqüentemente sua estruturação através de linhas de pesquisa proporcionou avanço e diversificação dos objetos históricos estudados. CIRANI,2015; MARTINS, 2011.

período um claro predomínio das instituições públicas que registraram 33 investigações, ao passo que as privadas contabilizaram apenas 13 estudos realizados.

Torna-se notável também o empreendimento de uma pesquisa na UCLA (*University of California, Los Angeles*) “*Dark matter towards an architectonics of rock, place, and identity in Brasília's utopian underground*” de autoria de Jesse Samba Samuel Wheeler (2007), envolvendo indiretamente o tema *punk* na capital federal.

Cabe ainda observar a quantificação por região levando em consideração o local explorado na pesquisa.

Região abordada no trabalho	Trabalhos
Centro Oeste	5
Norte	3
Nordeste	12
Sul	11
Sudeste	10
Amplitude nacional	7
Total	48

Quadro 04: Referente à distribuição por região de abordagem dos trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil”, produzidos entre 2001 e 2010.

Como indicam os dados, nota-se um novo cenário no tocante a pesquisas relativas ao tema *punk* no Brasil, sendo possível observar a amplitude geográfica dessas investigações que passaram a contemplar todas as regiões brasileiras. Nesse sentido, diferentemente do que ocorrera nas décadas anteriores em que os trabalhos se limitaram, especialmente, a compreensão das articulações *punks* no sudeste, a partir de 2001 se percebeu uma clara inversão nesse fluxo, no qual o nordeste passou a ser o principal foco de investigação, contingenciando um total de 12 estudos, sendo seguido pela região sul que foi alvo de 11 análises.

Em linhas gerais os estudos sobre o *punk*, empreendidos nesse período, destacaram-se, especialmente, por proporcionar investigações centradas em estabelecer uma revisão crítica acerca da história do *punk* no Brasil, bem como analisar a inserção do *punk* em novos territórios, tais como Brasília, Belém, Campina Grande, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Guarapuava, Ilha Solteira, João Pessoa, Londrina, Natal, Porto Alegre, Recife, Ribeirão Preto e Uruguaiana. Também se soma a essas investigações aquelas que procuraram examinar a atuação de grupos “dissidentes” como *Hardcore*, *Riot Grrrl*, *Emos* e *Straight Edges*.

Destarte, o que se evidenciou foi um significativo avanço de perspectivas compreendidas genericamente como pós-modernas, que, por seu turno, empreenderam uma efetiva desconstrução dos signos que anteriormente eram compreendidos como “constituidores da verdadeira identidade *punk*”. Portanto, ao tomar esse panorama para se estabelecer uma reflexão a partir dos postulados de Stuart Hall (2005) permite-se enunciar que a produção acadêmica acerca do *punk* no período, formulou um sujeito que alterna entre moderno e o pós-moderno. Sujeito moderno à medida que mostra, ainda que em última instância, uma rigidez, especialmente, no tocante a suas bandeiras de atuação, sendo comum sua inserção na forma de agente de enfrentamento do *status quo*. Assim, mesmo que as experiências descritas ao longo da própria investigação não evidenciem tal prerrogativa do ponto de vista teórico, até mesmo negligencie tal proposição, recorrentemente foi possível focalizar uma idealização no que concerne a atuação política do *punk*, remetendo a ideia de um “eu real” que embora dialogue com o mundo cultural ainda preserva certa rigidez. E sujeito pós-moderno à medida que os autores frequentemente problematizaram, desalojaram e apresentaram novos significados para os signos identitário do *punk*, expondo como essa identidade pode emergir em condições sociais destoantes das tidas como “essências”, inclusive apresentando que essa adoção identitária poderia ser conveniente a um determinado momento ou condição.¹⁰

Ao longo da primeira década do século XXI, diante de uma série de transformações de cunho social e econômico, que alteraram, especialmente, o panorama da universidade brasileira, houve conseqüentemente, uma possibilidade de descentralização dos programas de pós-graduação para além do eixo Rio-São Paulo. Esse novo cenário, por seu turno, também veio acompanhado de uma crescente diversificação de postulados teóricos nas ciências humanas, resultando, por conseguinte, em um novo panorama para os estudos que, direta ou indiretamente, abordaram o tema *punk*, contribuindo para que, cada vez mais, houvessem investigações pautadas em

¹⁰ Como retratado nos estudos a respeito da inserção do *punk* nas cidades de Brasília e Guarapuava. GONÇALVES, Hoana Costa. Dominação e Transgressão: A relação da violência do movimento punk com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985 – Uma leitura do movimento punk inglês em Brasília. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Centro Universitário de Brasília -UniCEUB, Brasília/DF, 2006; TURRA NETO, Nécio. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes sociabilidade. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2008.

empreender uma revisão crítica da história do *punk* no Brasil e desbravar a inserção dos *punks* “novos territórios”. Por fim, tal panorama claramente evidencia um ligeiro, mais significativo, deslocamento na concepção de sujeito implícita nos estudos relativos ao *punk*, decorrente, principalmente, de um novo panorama que se emerge em relação à pesquisa, na primeira década do século XXI.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tomando a problemática de mapear a produção identitária do *punk* nos estudos monográficos realizados no Brasil, ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, o presente estudo buscou expor como esses empreendimentos inevitavelmente inscreveram um ato de cristalização das práticas, formulando, assim, identidades. Constatando que as formulações identitárias acerca do *punk* no Brasil inevitavelmente foram moldadas a partir da fabricação intelectual dos pesquisadores, que, por sua vez, produziram-nas a partir de seu diálogo com o mundo social, o que, direta ou indireta, contribuiu para projetar essas identidades em resposta às demandas inscritas em seus lugares sociais, o que, por sua vez, contribuiu para que cada uma das décadas, aqui analisadas, dispusesse de particularidades que se transpuseram na forma de traços identitários do *punk* brasileiro.

Através desse mapeamento, de modo geral, tornou-se perceptível constatar um deslocamento na concepção de sujeito, que alternou, ao longo das três décadas, entre moderno e o pós-moderno. Evidenciando, assim, um constante fluxo de abandono às rígidas definições identitárias, que inicialmente se concentrava em retratar o *punk* a partir de elementos “essenciais” e aos poucos passaram a explorar as peculiaridades dos desdobramentos identitários. Como efeito disso, também surgiram com maior constância investigações destinadas a explorar as dissidências e/ou sub-grupos que emergiram do *punk*. Por fim, cabe ressaltar que esse artigo não teve a pretensão de estabelecer uma “verdade” sobre do *punk* nacional, ao contrário, constitui-se apenas como um empreendimento analítico que a partir de utilização de ferramentas conceituais procurou estabelecer um mapeamento dos estudos sobre o *punk* no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de atuação social**. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BIVAR, Antônio. **O que é Punk**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e paradigmas rivais**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CIRANI, Cláudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques da. **A evolução do ensino do pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposição para pesquisa. Avaliação**. Campinas; Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015.
- COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. 1992. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.
- ESSINGER, Silvio. **Punk, a anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade**. n. 79, p. 257 - 272, ago 2002.
- FICO, Carlos; POLITO, Ronald. **A História no Brasil (1980 – 1989): Elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: UFOP, 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. **Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. Estudos Históricos**, São Paulo, n. 34, p. 157-186, jul./ dez. 2004.
- GONÇALVES, Hoana Costa. **Dominação e Transgressão: A relação da violência do movimento punk com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985 – Uma leitura do movimento punk inglês em Brasília**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2006.
- KEMP, Kenia. **Grupos de Estilo Jovens: o “Rock Underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punks” e “trashs” em São Paulo**. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- MALHERBA, Jurandir. **Notas à margem: a crítica historiográfica no Brasil dos anos 1990. Textos de História**, v. 10, n. 1/2, p. 181-211, 2002.
- MARTINS, Estevão de Rezende. **Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea. Revista portuguesa de história**. Coimbra/ Portugal, n. 42, p. 197-214, 2011.

PEDROSO, Helenrose Aparecida da Silva; SOUZA, Heder Cláudio Augusto de. **Absurdo da Realidade: O Movimento Punk**. Coleção Cadernos IFCH Unicamp n. 6. Campinas: Editora Unicamp, 1983.

RAGO, Margareth. A “nova” historiografia brasileira. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 73-96, 1999.

REIS, Thiago Felipe dos. A produção historiográfica da Revista História: questões e debates – uma contribuição à história da historiografia paranaense. In: **Anais: II Congresso Internacional de História UEPG – Unicentro**, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 9ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, Rafael Lopes de. **Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996**. 1997. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1997.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009.

WHEELER, Jesse Samba Samuel. **Dark matter towards an architectonics of rock, place, and identity in Brasília's utopian underground**. 411 p. 2007. Tese (Doutorado em Etnomusicologia), University of California, Los Angeles/CA, 2007.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 27/09/2018

PARECER DADO EM: 21/02/2019